

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



UM DIÁLOGO HERMENÊUTICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE: PENSANDO UMA EDUCAÇÃO SEM PRECONCEITOS

A hermeneutical dialogue on homosexuality: thinking an education without prejudice

Adilson Cristiano Habowski

Donavan Farias Machado

Elaine Conte

Resumo

Utilizando-se de uma abordagem hermenêutica crítica frente ao fundamentalismo religioso, a pesquisa contribui para atualizar os debates sobre a homossexualidade na educação, através de uma interpretação histórico-crítica a respeito das diferenças, considerando o contexto bíblico e a contemporaneidade. Pretende-se (re)construir a importância da interdependência nas relações humanas de abertura e flexibilidade às diferenças, estabelecendo uma cultura de respeito e compromisso com o excluído. Nesse sentido, o texto apresenta a homossexualidade a partir de passagens bíblicas: em Gênesis, analisa-se o termo conhecer e a falta de hospitalidade presente no enredo sobre Ló e os cidadãos de Sodoma; em Levítico, a questão das abominações e o termo tō`ēbâ; na Epístola aos Romanos, as discussões sobre o desvio do natural, nas quais se empregam a expressão para physin e o substantivo physikē. Concluindo, em 1 Coríntios e 1 Timóteo, aborda-se a relação sexual abusiva entre homens, com o estudo dos termos malakoi e arsenokoitai e as considerações finais.

Palavras-chave: Bíblia. Hermenêutica. Homossexualidade. Educação.

Abstract

Using a critical hermeneutic approach front of religious fundamentalism, the research contributes to update discussions on homosexuality in education, through a historical-critical interpretation regarding the differences, considering the context Biblical and contemporaneity. The aim is to (re) build the importance of interdependence in the human relations of openness and flexibility to differences by establishing a culture of respect and commitment to the deleted. In this sense, the text presents homosexuality from biblical passages: in Genesis, analyzes the term know and lack of hospitality present in the plot about Lot and citizens of Sodom; in Leviticus, the question of abominations and the term tō`ēbâ; in the Epistle to the Romans, discussions about the natural drift, which employ the expression for physin and the noun physikē. In conclusion, in 1 Corinthians and 1 Timothy, deals with the study of malakoi and arsenokoitai terms and the final considerations.

Keywords: Bible. Hermeneutical. Homosexuality. Education.

Considerações Iniciais

Tendo em vista o anseio de construirmos uma sociedade mais justa e humanizada, bem como uma educação mais igualitária, libertadora e emancipadora, livre de qualquer discriminação, que escrevemos este trabalho, no sentido de identificar e enfrentar a homofobia nos espaços escolares através de uma reeducação crítica. Nas realidades cotidianas, muitas vezes, a falta de compreensão conceitual alimenta o preconceito no tocante à orientação homossexual. Enquanto profissionais da educação, “teríamos que nos perguntar como nós que clamamos por justiça, pelo fim de preconceitos e violência estamos, mesmo sem saber, envolvidos com aquilo contra o que procuramos lutar.”¹ Assim, o ambiente escolar acaba configurando-se como um lugar de discriminação e reprodução de preconceitos, que acaba internalizando sentimento de culpa desde a sua infância, inexistindo uma preocupação pedagógica de como devemos agir em situações de homofobia no cotidiano escolar.

Historicamente, nossa cultura ridiculariza pessoas homossexuais, inclusive respaldando consideravelmente algumas atitudes homofóbicas por meio do discurso religioso-cristão, muito em voga nos espaços escolares. Em vista disso, percebemos que os processos educativos precisam ensinar a compreensão dos conteúdos e desenvolver a problematização da realidade, por meio do reconhecimento mútuo, sendo necessário restabelecer na prática pedagógica uma atitude hermenêutica de reconciliação com as questões vitais. Com esse propósito, entendemos que acolher o método histórico-crítico na interpretação bíblica abre possibilidades para refletirmos sobre as problemáticas sociais, na tentativa de responder a seguinte questão: qual a influência do paradigma religioso-cristão na permanência de um pensar homofóbico no ambiente escolar? Conseqüentemente, indicamos a possibilidade de mudança de perspectiva no ensino e nas experiências educativas por meio da formação de educadores, nas situações regressivas onde a

¹ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: _____ (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 13-51.

consciência é mutilada por meio da autoridade vinculada a modos de agir (moral), de uma forma não livre, irrefletida e propícia à violência.

Adotamos como fio condutor para a análise, uma abordagem hermenêutica voltada à compreensão e interpretação de textos que refletem sobre a esfera educacional. Para atingir tal escopo, é essencial identificar a hermenêutica como elemento imprescindível para a superação de tabus que ainda hoje se perpetuam na práxis pedagógica. Daí que “[...] o esforço hermenêutico almeja a apropriação de sentido, presente em cada documento uma voz silenciada que deve ser novamente despertada para a vida.”² A hermenêutica pressupõe entregar-se ao outro, ao texto, ao diálogo, ao mundo como constante busca de significados mais profundos e sentidos, em meio às contradições existentes. Assim, trazemos para o debate a experiência hermenêutica bíblica e pedagógica com um olhar voltado aos preconceitos instituídos na educação para repensar as visões homofóbicas reproduzidas historicamente.

Conforme Paulo Freire, trata-se de uma “tomada de distância epistemológica” do objeto a ser pesquisado. Esta postura transcende a curiosidade ingênua, que acontece mediante o caminho do conhecimento do senso comum para o desenvolvimento de um conhecimento científico e isso requer necessariamente a tomada de distância do objeto, deixar de lado a subjetividade para não recair em acusações ou maniqueísmos. Na verdade, “a atenção devida ao espaço escolar, enquanto contexto aberto ao exercício da curiosidade epistemológica deveria ser preocupação de todo projeto educativo sério.”³ Para Habermas,

No discurso, uma visão de mundo deve ser trabalhada pela contradição dos outros de tal modo que os horizontes de sentido de todos os participantes se ampliem [...] graças à progressiva descentração da perspectiva de cada um deles [...] Cada um pode decidir por si só se quer assumir a atitude expressiva de uma primeira pessoa que exprime suas vivências ou representações, ou a atitude objetivante de uma terceira pessoa que percebe e descreve o mundo circundante. Mas a atitude de um falante para com uma segunda pessoa a quem ele dirige seu proferimento depende de uma atitude complementar do outro, atitude que não se obtém à força [...] Na conversação, ambos os lados não contraem essa relação senão na base da reciprocidade. Um concede ao outro o papel performativo do falante apenas sob a reserva de uma troca de papéis, que assegura a ambos a liberdade comunicativa de réplica⁴.

² HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 351.

³ FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. 5 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p. 78.

⁴ HABERMAS, Jürgen. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 71.

O diálogo é um processo contra a alienação de uma leitura fundamentalista bíblico-cristã, restabelecendo conexões de reconhecimento do discurso diferente, contraditório, que faz interpelações lançando sempre novos problemas, a partir das necessidades socioculturais. Deste modo, a prática da curiosidade epistemológica se torna geradora de reflexões onde brotam novos conhecimentos, pois requer um esforço conjunto para desvelar a questão estudada, tornando possível despertar uma atitude crítica diante da realidade. Para Freire, “a experiência dialógica é fundamental para a construção da curiosidade epistemológica. São constitutivos desta: a atitude crítica que o diálogo implica; a sua preocupação em apreender a razão de ser do objeto que medeia os sujeitos dialógicos.”⁵ Trata-se de um encontro com a alteridade pelo caminho hermenêutico, que permite movimentos de descentração para criar possibilidades ético-discursivas.

O paradigma religioso cristão frente à homossexualidade

A incitação de diversos discursos avessos à homossexualidade em ambientes cristãos fundamenta-se em uma leitura tendenciosa da Bíblia. O modo como se lê a Bíblia e se interpretam os textos é a chave para a compreensão de determinadas posturas. Na verdade, os textos antigos como a Bíblia devem ser contextualizados e não servir para mutilar a interpretação, já que podem ter um determinado significado para as contingências atuais distintas da época em que foram escritas. Assim, “para afirmar qual é o ensinamento dado pelo texto bíblico hoje, primeiro é preciso compreendê-lo em sua situação original e então transportar seu significado para o presente.”⁶ Tal entendimento faz-se necessário com base no método histórico-crítico. Ela é compreendida como “‘histórica’” porque requer que coloquemos o texto de volta em seu contexto histórico e cultural para que possamos decidir sobre seu significado. Esta abordagem é chamada de ‘crítica’ porque requer um pensamento cuidadoso e uma análise detalhada da Bíblia.”⁷

Alguns segmentos cristãos afirmam que a Bíblia deve ser entendida literalmente, sem interpretações. Mas interpretar requer extrair o sentido real de um texto, em sua constante (re)interpretação. A compreensão é o que dá sentido ao texto. Por isso, não é o suficiente simplesmente ler o texto a fim de identificar o que afirma a moral sexual, por

⁵ FREIRE, 2003, p. 81.

⁶ HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1998, p. 27.

⁷ HELMINIAK, 1998, p. 28.

exemplo. A interpretação literal entende o texto conforme o que ele diz, o que pode recair em abordagens fundamentalistas. De acordo com o método histórico-crítico, é necessário compreendê-lo em sua gênese e repensar seu ensinamento com base nas condições de vida contemporâneas. “Assim, se quisermos entender o que Deus quis dizer, o primeiro passo é compreender o que aqueles autores humanos queriam dizer, pois foi precisamente isso que Deus inspirou.”⁸

O estudo da homossexualidade é significativamente recente, tendo início no final do século passado. Tendo presente a novidade da investigação, entende-se que não é possível fazer uso da compreensão sexual da conjuntura bíblica para a contemporaneidade, sem a devida crítica. Portanto, quando menciona condutas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, a Bíblia o faz de acordo com a compreensão da época, cujos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo eram chamados de homogenitalidade ou relações homogenitais. Mas, o que se discute hoje é a homossexualidade e não mais a mera homogenitalidade.

Pela carência de estudos na área, muitas pessoas entendem que a Bíblia verdadeiramente condena a homossexualidade, acabando por assumir uma postura resignada frente à situação. Diante disso, as únicas alternativas possíveis são desistir da própria homossexualidade, o que é biologicamente impossível, ou desistir de frequentar a Igreja. Para mudar essa situação, nas últimas décadas, diversos biblistas vêm analisando as passagens bíblicas que supostamente abordam o tema da homossexualidade.

O relato de Sodoma, em Gênesis 19,1-11, é uma das passagens bíblicas mais utilizadas quando o assunto é homossexualidade. Além de texto fundamental para a condenação da homossexualidade, desde o século XII, essa passagem também vinculou a palavra sodomita às pessoas que praticam relações sexuais anais, pondo essas últimas também sob a reprovação de Deus. Na referida passagem, é notória a incitação à relação sexual, uma vez que Ló ofereceu suas filhas como objetos sexuais aos homens que estavam em torno de sua casa. Causa-nos estranheza o gesto de Ló de entregar suas filhas aos sodomitas. Todavia, em sua cultura, o pai era o proprietário das mulheres e, ao oferecer suas filhas aos homens, ninguém mais as desejaria, pois já estavam usadas⁹.

Todavia, na Bíblia Hebraica, a palavra conhecer, que aparece 943 vezes, pode significar, em algumas ocasiões, manter relações sexuais com. O Novo Testamento grego

⁸ HELMINIAK, 1998, p. 30.

⁹ HELMINIAK, 1998.

também conserva ocorrências dessa forma de expressão. Por exemplo, quando o anjo lhe diz que será a mãe de Jesus, Maria pergunta: “Como se fará isso, pois não conheço (guinōskō) homem?” (Lc 1,34)¹⁰. Portanto, em ambos os casos mencionados, podemos fazer analogias entre o verbo conhecer e o sentido da sexualidade. Na passagem de Sodoma, por exemplo, uma das hipóteses é de que os homens queriam apenas conhecer os visitantes e o que aí faziam, afinal, nem Ló era natural da cidade. Por ser um estrangeiro, os habitantes da cidade não teriam visto com bons olhos o acolhimento àqueles estranhos¹¹. No entanto, a maioria dos estudiosos acredita que esse texto se refere, sim, às relações homossexuais. Porém, se há tal possibilidade, o mais correto é que não se trata de sexo consensual, e sim de abuso sexual.

Desse modo, “admitindo que a palavra ‘conhecer’ realmente tenha um significado sexual aqui, o que está em questão é o estupro entre homens, e não simplesmente sexo entre homens.”¹² A intenção dos sodomitas revela-se, então, uma grande ofensa, uma vez que forçar um homem a fazer sexo com outro homem era entendido como submetê-lo à humilhação. No entendimento de Helminiak “a ideia era a de insultar os homens, tratando-os como mulheres. Portanto, fazia parte da prática do sexo anal entre homens a noção de que homens deviam ser ‘machos’ e a de que as mulheres eram inferiores, simples peças que estavam a serviço do homem.”¹³

Portanto, uma das razões da rejeição ao sexo anal entre os homens era que, se o homem agisse como uma mulher, ele colocava-se na posição inferior em que as mulheres se encontravam. Era aceitável o homem ser ativo, mas ser receptivo significava desonra e degradação do masculino, no sentido de tirar vantagens, degradar e abusar os outros.

[...] nas Escrituras hebraicas a palavra ‘abominação’ é usada para designar muitas coisas. As abominações em questão aqui são as do ‘adultério’ e ‘prostituição’ de Jerusalém, e estas palavras são utilizadas simbolicamente. Elas não se referem a atos sexuais, mas sim à idolatria, à infidelidade de Israel ao Senhor Deus, e ao sacrifício e assassinato de crianças. Apesar de o versículo 50 mencionar as ‘coisas abomináveis’ e se referir a Sodoma, o versículo 49 diz exatamente quais foram estas coisas abomináveis. Ao afirmar categoricamente qual foi o pecado de Sodoma, o sexo entre homens simplesmente não é mencionado. Fica claro que o capítulo 16 de Ezequiel trata de outras coisas¹⁴.

¹⁰ HELMINIAK, 1998, p. 41.

¹¹ HELMINIAK, 1998, p. 41.

¹² HELMINIAK, 1998, p. 42.

¹³ HELMINIAK, 1998, p. 43.

¹⁴ HELMINIAK, 1998, p. 44.

É difícil considerar a narrativa sobre Sodoma como julgamento sobre as relações homossexuais, uma vez que o que estava em discussão era o estupro homossexual e não meramente o ato homossexual. A questão não é o ato sexual com um homem, mas o estupro, a violência, a falta de caridade e, sobretudo, a falta de hospitalidade. É essa a atitude que a Bíblia condena. “Portanto, aqueles que oprimem os homossexuais devido ao suposto ‘pecado de Sodoma’ podem ser eles próprios os verdadeiros ‘sodomitas’ tal como a Bíblia os entende.”¹⁵

A condenação dos atos homossexuais também está contida numa seção do Levítico (18,22 e 20,13) chamada O Código de Santidade, cujas leis e punições pretendiam assegurar que Israel conservasse a santidade diante de Deus, distinguindo-se dos seus vizinhos idólatras. Existem hipóteses de que esse Código proíbe o ato sexual entre homens devido a considerações religiosas, e não sexuais. Todavia, é inevitável perceber que o povo hebreu ter experimentado práticas homossexuais durante o período no Egito, a ponto de o sacerdócio expor normas para proibição destes atos de perversão como uma “abominação” relacionada aos cultos idólatras. Em 18, 22, ordena-se: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação.” E em 20,13 sentencia, “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”.

Naquela época, o povo de Israel estava no meio do deserto e se desviava constantemente dos propósitos de Deus ao se misturar com os costumes de outros povos, entre eles, práticas de idolatria, prostituição cultural e sacrifícios sexuais. A partir de uma análise histórica, compreende-se que a prática homossexual no Egito e em Canaã estava articulada diretamente com cultos ligados à questão da fertilidade. Dessa forma, as leis de Levítico colocam proibições para que os israelitas não vivessem segundo as mesmas práticas correntes no Egito. A narrativa bíblica diz que os hebreus ficaram aproximadamente 400 anos no Egito, porém, os textos silenciam sobre a conduta de cada indivíduo que compunha o grupo. Tudo indica que a prática sexual era utilizada nos rituais egípcios e canaanitas, incluindo sexo entre pessoas do mesmo gênero. Por exemplo, nesses rituais, famílias inteiras de agricultores, quando desejavam uma colheita próspera, promoviam cultos de fertilidade nos templos dos deuses com os prostitutos culturais. Desse modo, Levítico não proíbe o

¹⁵ HELMINIAK, 1998, p. 46.

relacionamento homossexual, mas condena as formas de adoração a outros deuses, os sacrifícios idólatras, as práticas de prostituição cultual e sagrada, a violência e o abuso sexual, circunstâncias nas quais não existia afeto e reciprocidade.

Conclui-se, então, que as normas somente passaram a existir após as formulações sacerdotais levíticas. “A questão no Levítico era religiosa, e não ética ou moral. Isto equivale a dizer que o sexo em si ser certo ou errado nunca foi cogitado. Tratava-se apenas da manutenção de uma forte identidade judaica.”¹⁶ Portanto, o que subjaz a essas assertivas de Levítico é uma dimensão religiosa e não de julgamentos morais, já que não se cogitava que o sexo em si era bom ou mau, mas se o seu uso levava à idolatria e ao afastamento divino.

O texto da Bíblia em que se discute a relação homossexual de forma mais extensa é na carta aos Romanos de Paulo, especificamente em 1,18-32. Supõe-se que o versículo 26 alude à relação de lésbicas, enquanto o versículo 27, aos atos homossexuais. Aliás, é o único lugar na Bíblia em que se menciona o sexo entre mulheres. É desse texto que se tira a conclusão de que a relação homossexual não é natural e acarretaria punições. No texto de Romanos 1,23-32 surgem as seguintes colocações:

O texto da Bíblia em que se discute a relação homossexual de forma mais extensa é na carta aos Romanos de Paulo, especificamente em 1,18-32. Supõe-se que o versículo 26 alude à relação de lésbicas, enquanto o versículo 27, aos atos homossexuais. Aliás, é o único lugar na Bíblia em que se menciona o sexo entre mulheres. É desse texto que se tira a conclusão de que a relação homossexual não é natural e acarretaria punições. No texto de Romanos 1,23-32 surgem as seguintes colocações:

Mudaram a majestade de Deus incorruptível em representações e figuras de homem incorruptível, de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus os entregou aos desejos (akalharsíá) de seus corações, à imundície, de modo que desonram entre si os próprios corpos. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura em vez do Criador, que é bendito pelos séculos. Amém. Por isso, Deus os entregou a paixões (atimias) vergonhosas: as suas mulheres mudaram as relações naturais (physiken) em relações contra a natureza (para physin). Do mesmo modo também os homens, deixando o uso natural (physiken) da mulher, arderam em desejos uns para com os outros, cometendo homens com homens a torpeza (aschemosynè), e recebendo em seus corpos a paga devida ao seu desvario. Como não se preocupassem em adquirir o conhecimento de Deus, Deus entregou-os aos sentimentos depravados, e daí, o seu procedimento indigno. São repletos (pepleromenous) de toda espécie de malícia (adikia), perversidade, cobiça, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade. São difamadores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, soberbos, altivos, inventores de maldades, rebeldes contra os pais. São insensatos, desleais, sem

¹⁶ HELMINIAK, 1998, p. 51.

coração, sem misericórdia. Apesar de conhecerem o justo decreto de Deus, que considera dignos de morte aqueles que fazem tais coisas, não somente as praticam como também aplaudem os que as cometem¹⁷.

No trecho 1,26-27, o fato de Paulo dirigir-se primeiramente às mulheres e depois aos homens revela-se proposital, a fim de dar maior ênfase em relação aos homens. Paulo mostra a intenção de estar em conformidade com o Criador, com a doutrina bíblica da criação. Nessa ótica, faz uso dos termos natural e contra a natureza. A condenação da Carta aos Romanos era a condenação à experimentação de formas sexuais contra a natureza pelo simples desejo ou busca de prazer, sem a orientação sexual correspondente. Portanto, é notório que Paulo condena o relacionamento heterossexual agindo contra a natureza humana.

Ao estudar os termos gregos, percebemos que os homens e mulheres estavam envolvidos em práticas sexuais que não eram comuns. Isso se comprova quando outras passagens são levadas em consideração, por exemplo, Romanos 11,24, em que Paulo faz uso dessas mesmas palavras para referir-se a Deus: “Com efeito, se tu foste cortado da oliveira silvestre por natureza e, contra a natureza foste, [sic] enxertado na oliveira cultivada, com maior razão os ramos naturais serão enxertados na oliveira a que pertencem.” Em outras palavras, Deus fez algo que não poderia ser considerado natural, comportou-se de modo incomum.

Não há nestas palavras qualquer acepção indicando que as práticas estavam erradas ou eram contrárias a Deus ou iam de encontro à ordem divina da criação, nem que estavam em conflito com a natureza universal das coisas. Segundo o sentido em que Paulo as emprega, estas palavras dizem apenas que aquelas práticas eram diferentes daquilo que normalmente seria o esperado. Ao invés de ‘não naturais’, as palavras para *physin* em Romanos seriam traduzidas de maneira mais precisa como ‘não usuais’, ‘peculiares’, ‘fora do comum’ ou ‘não características’¹⁸.

Hoje há um grande debate dentro das pesquisas bíblicas, que compreendem para *physin* com o significado de contrário à natureza. A filosofia afirmava que a finalidade do sexo era a procriação, de modo que fazer sexo sem finalidade procriadora violaria a natureza deste ato. Dois outros textos do Novo Testamento fazem menção a relações homossexuais. Em 1 Coríntios 6,9-10, de acordo Helminiak, a tradução é a seguinte: “Não vos enganéis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados (oute malakoi oute

¹⁷ HELMINIAK, 1998, p. 68.

¹⁸ HELMINIAK, 1998, p. 71.

arsenokoitai), nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o reino de Deus.”¹⁹ Por sua vez, o texto de 1 Timóteo 1,9-10, segundo Helminiak, diz: “[...] a lei não foi feita para o justo, mas para os transgressores e os rebeldes, para os ímpios e os pecadores, para os irreligiosos e os profanadores, para os que ultrajam pai e mãe, os homicidas, os impudicos, os infames (arsenokoitai), os traficantes de homens, os mentirosos, os perjuros, e tudo o que se opõe à sã doutrina.”²⁰

Diante das diversas interpretações bíblicas, podemos dizer que o termo “[...] malakos simplesmente não se refere à atividade homossexual, I Coríntios 6:9 utiliza malakos para fazer uma condenação generalizada da lassidão moral e do comportamento libertino, da luxúria e da lascívia.”²¹ De acordo com Torres, na literatura paulina, “[...] quatro contextos principais têm sido propostos para o significado de arsenokoitai [...]: exploração sexual (cafetinagem/exploração sexual), pederastia, sexo não consensual entre homens (estupro) ou sexo consensual entre homens (homossexualismo).”²² Assim sendo, alegar que esses textos fazem condenações à homossexualidade ou às relações homossexuais é partir de uma premissa que não leva em consideração a confrontação dialética entre concepções e a compreensão sociológica.

Repercussões do pensamento religioso cristão no ambiente escolar e a formação de educadores

Certamente, não são poucos os relatos de preconceitos, violências verbais ou físicas ocorridas contra pessoas homossexuais em instituições de ensino. No que tange à orientação da pessoa homossexual, em inúmeras ocasiões, algumas igrejas cristãs acabam endossando tais atitudes, justificando-as pelos princípios bíblicos, já que tomam por base uma leitura literal da Bíblia. Por isso, a pedagogia e a religião cristã devem encontrar pontos de diálogo através de aprofundamentos teóricos para oportunizar reflexões sobre a temática, que conduzam a mudanças, tendo em vista uma educação humanizadora. A educação surge como um grande potencial de reconhecimento humanizador das relações,

¹⁹ HELMINIAK, 1998, p. 96.

²⁰ HELMINIAK, 1998, p. 96.

²¹ HELMINIAK, 1998, p. 99.

²² TORRES, Milton. A Evidência Linguística e Extralinguística para a Tradução de Arsenokoitai. *Revista Hermenêutica*, Cachoeira, BA, vol. 12, no. 2, p. 25-49, 2012, p. 28.

visto que o debate sobre as questões de gênero e sexualidade precisam ser consideradas no ambiente escolar, especialmente quando vem à tona por meio de inquietações e discussões trazidas pelos estudantes. Partindo do pressuposto de que a escola é um espaço público, as orientações gerais são norteadas e seguem as mesmas diretrizes da esfera pública, entre elas, o respeito às diferenças humanas.

A apresentação de alguns textos bíblicos a respeito da homossexualidade, a partir de um viés histórico-crítico, vem justamente demonstrar a necessidade de revisão das expressões e posicionamentos, entrando em consonância com a comunidade de interpretação em que vivemos. Só assim será possível perceber as distorções das leituras obtidas durante a trajetória da humanidade e, por muitas vezes, carregadas pelo imaginário social na formação de subjetividades. Desse modo, não se pode negar a influência da religião cristã na formação dos repúdios no que se refere à homossexualidade, de modo especial, em relação aos decretos políticos que institucionalizam as formas de educação no Brasil.

No Congresso Nacional Brasileiro, representantes da política ligados à igreja católica e às igrejas evangélicas têm se mobilizado contra a aprovação de direitos civis das minorias sexuais como a criminalização da homofobia, a união civil de casais homossexuais e o direito de adoção de crianças por parte das famílias homoparentais. Associações entre o comportamento homossexual, a promiscuidade e a causa de catástrofes naturais associadas a mudanças climáticas e o aparecimento de novas doenças também são comuns em programas televisivos comandados por religiosos durante as madrugadas²³.

Se o legislativo se torna um dependente das questões religiosas ampliando tabus históricos, isto se revela também na educação pela dificuldade em tratar o conteúdo da sexualidade com as crianças, em cartilhas didáticas, fazendo com que a população continue a reproduzir preconceitos. Parlamentares provindos das igrejas católica e evangélicas surgem representando ideologias que legitimam discursos homofóbicos, portanto, discriminatórios contra sujeitos homossexuais e suas organizações familiares. Pior ainda é que as políticas públicas educacionais acabam inviabilizando o pensar sobre o tema na formação de professores e na sala de aula, bem como privilegiando discursos irrefletidos do mundo da vida e perversos para o reconhecimento das diferenças e para o avanço da democracia.

²³ DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, PR, no. 39, p. 39-50, 2011, p. 46.

A questão é saber se a religião na atualidade contribui para a perpetuação de distorções sobre a orientação homossexual, tornando-se, assim, geradora de instrumentos normativos nos espaços escolares. Tudo indica que no Brasil a religião cristã seja o credo quase que hegemônico. De fato, algumas perícopes bíblicas específicas têm se tornado como que verdades absolutas para os cidadãos brasileiros. Isso talvez se dê pela ignorância da parte de alguns pastores ou sacerdotes das igrejas cristãs, ou pela busca de interesses pessoais, ou pelo medo que os clérigos têm de entrarem em desacordo com o magistério da igreja.

No artigo “A igreja e a questão homossexual no Brasil”, o pesquisador Luiz Mott, analisando o conteúdo homofóbico expresso no discurso das religiões cristãs brasileiras, observa que muitos de seus adeptos “[...] pensam e agem em relação aos homossexuais, como se ainda vivêssemos sob o chicote e a fogueira da Santa Inquisição.”²⁴ Dessa forma, a religião cristã estabelece por meio da educação um meio para controlar os sujeitos através de sua sexualidade, algo que precisamos reprimir e desconfiar pelas possibilidades de sedução, tentação e de desejo, que leva ao pecado. O ato de governar os sujeitos é utilizado como forma de estabelecer o padrão normal de sexualidade, a heterossexualidade. Cada vez mais, os discursos religiosos vão incitando os sujeitos a agirem de determinada forma e assumirem determinadas posturas e falas restritas às representações particulares do grupo.

Nesse sentido, as igrejas são capazes de controlar o corpo, domesticar as práticas dos indivíduos, e isso através de discursos que proliferam cada vez mais, destacando a homossexualidade como uma atitude pecaminosa e contrária às leis de Deus. A orientação homossexual passa a ser vista como algo patológico, perverso, uma vez que não há a possibilidade de procriação e, portanto, correspondência com a constituição da família patriarcal, formada pelo casal heterossexual. O matrimônio faz referência à família padrão, que tem por função o sexo para a perpetuação da vida, considerando a procriação uma das principais justificativas do ato sexual. Por isso, a formação de professores deve oferecer uma pesquisa que parte de uma linguagem comum, proporcionando, por um lado, um movimento de encontro com a realidade dos educandos e, por outro, uma autonomia destes para a interpretação dos fatos de maneira crítica em relação às leituras bíblicas e de mundo apresentadas, no que tange à orientação homossexual. Espera-se uma formação que

²⁴ DINIS, 2011, p. 46.

promova mudanças de paradigmas religiosos, a fim de combater qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência, tendo no processo de ensino e de aprendizagem sua mola propulsora. É muito importante que essa temática seja discutida na formação de educadores:

A pesquisa 'Perfil dos Professores Brasileiros', realizada pela Unesco, entre abril e maio de 2002, em todas as unidades da federação brasileira, na qual foram entrevistados 5 mil professores da rede pública e privada, revelou, entre outras coisas, que para 59,7% deles é inadmissível que uma pessoa tenha relações homossexuais e que 21,2% deles tampouco gostariam de ter vizinhos homossexuais [...] Outra pesquisa, realizada pelo mesmo organismo em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal, forneceu certa compreensão do alcance da homofobia no espaço escolar (nos níveis fundamental e médio). Constatou-se, por exemplo, que: o percentual de professores/as que declaram não saber como abordar os temas relativos à homossexualidade em sala de aula vai de 30,5% em Belém a 47,9% em Vitória; acreditam ser a homossexualidade uma doença cerca de 12% de professores/as em Belém, Recife e Salvador, entre 14 e 17% em Brasília, Maceió, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Goiânia e mais de 20% em Manaus e Fortaleza [...]²⁵.

No tocante ao silêncio e à violência, a questão mostra-se ainda mais grave, especialmente quando a escola, que deveria ser o espaço para a construção de discussões democráticas, críticas e libertadoras, torna-se, na maioria das vezes, cenário de reações homofóbicas. Na formação de professores, portanto, o assunto requer uma postura de autorreflexão e compreensão no horizonte do mundo da vida contingente, uma vez que o papel do educador é o de promover a construção de uma ética fundada no respeito e na cidadania, necessidade básica para a convivência em grupo. Os docentes devem ser preparados para intervir em todas as situações em que haja manifestação de preconceitos homofóbicos, resistindo às alienações e preconceitos que deflagram a dignidade humana e os direitos dos cidadãos.

Nas narrativas, podemos perceber o quanto o discurso religioso permeia e instaura aquilo que é aceito ou não perante a sociedade, as leis e a educação. Nesse sentido, percebemos que o discurso religioso atravessa também a cultura dos educadores, fazendo-os reproduzir no espaço escolar ideologias, conhecimentos, interesses e poderes que controlam, vigiam e governam os corpos e as condutas dos sujeitos. Dessa forma, não se exerce um mecanismo de censura, porém, se estabelece uma relação incomunicável, de terreno intocado, velado e objetivado às diferentes expressões da sexualidade. Tudo isso são

²⁵ JUNQUEIRA, 2009, p. 17.

questões sensíveis no tocante à educação, principalmente porque não há avanços em termos de leis e metodologias educacionais para abordar e debater o assunto no cotidiano escolar. O educador quando utiliza os referenciais bíblicos para deslegitimar a homossexualidade, espera-se que oriente os educandos a partir de uma visão histórico-crítica, permitindo-lhes ver a realidade com outros olhos.

Os paradigmas cristãos, basilares na construção da cultura ocidental, exercem domínio na moral e no modo de pensar a homossexualidade entre os educadores, obstando o combate à homofobia na prática pedagógica. Esse olhar interpretativo da realidade faz repensar a homossexualidade na educação, num olhar sensível e aprofundado, para além das aparências. Através do processo hermenêutico crítico é que conseguiremos contribuir para que os sujeitos homossexuais sejam respeitados na sua integridade nas escolas. É necessária uma interpretação receptiva a um novo olhar histórico-crítico, considerando o contexto da literatura bíblica e as necessidades que o nosso tempo exige. Dessa maneira, pretende-se (re)construir relações humanas em uma expectativa de abertura às diferenças, estabelecendo uma cultura de respeito e compromisso com a alteridade.

Neste momento, a educação faz-se necessária para que se elabore uma reflexão criteriosa acerca da transmissão de valores no que se refere à orientação homossexual. Dos espaços em que é possível realizar tal discussão, a escola, através da formação dos educadores, é aquele que possibilitará uma abordagem crítica que parte de uma linguagem comum à superação de paradigmas. Além disso, é necessário questionar a formação dos sujeitos que, vinculados a vertentes religiosas, fazem-se presentes no âmbito escolar, buscando aprofundar a discussão, a fim de promover o respeito e o combate à discriminação, a partir da conversação e da (re)interpretação. A prática educacional deve respeitar os princípios da lei com relação à laicidade do Estado, encorajando práticas não proselitistas.

Considerações Finais

Conclui-se que se deve ter cuidado para não utilizar a Bíblia de maneira oportunista e condenatória, inculcando nos fiéis que buscam um Deus libertador uma verdade supostamente absoluta, porém respaldando posições homofóbicas como condição pecaminosa e discriminatória, que causam uma espécie de sofrimento social. A palavra

homossexualidade nunca foi citada na Bíblia e as incitações contra as relações homossexuais são hoje consideradas ultrapassadas e fora da realidade. Portanto, os textos bíblicos devem ser compreendidos e lidos à luz dos períodos em que foram escritos para evitar condenações a priori. Afinal de contas, quando se fala que são palavras de Deus, a consciência popular facilmente aceita, sem questionamento ou aprofundado por meio de debates. O perigo maior encontra-se no respaldo que tais ideologias recebem de decisões políticas (aprovação de projetos de lei voltados à asseveração de preconceitos) e educativas, prejudicando o combate à homofobia em seus diversos aspectos provindos da sociabilidade racional.

Dessa forma, a influência das igrejas cristãs na formação moral dos educadores que se encontram nas escolas é notória, principalmente no que tange à homossexualidade. Alguns fatores são responsáveis, dentre eles, a falta de conhecimento do significado das palavras bíblicas e dos contextos históricos e culturais originalmente ligados. O desafio da instituição de ensino é reconhecer a diversidade como parte da sociedade, investindo na superação de discriminações e alienações socioculturais. Esta pesquisa quer incentivar que, embora as escolas possuam em seu currículo conteúdos já elaborados, ocorra em sala de aula uma abertura dialógica, com vistas a discutir os dogmatismos e ideologias instituídas, apresentando a compaixão, a empatia e o reconhecimento do outro como valores morais fundamentais. A falta de acesso a informações científicas sobre a sexualidade humana e suas inter-relações, bem como a leitura simplista e insensível de textos religiosos de teor condenatório podem levar a atitudes preconceituosas e replicadoras de ações desumanizadas (frieza, recrudescimento ideológico e segregação), como a incapacidade de reconhecer e respeitar os direitos dos outros, gerando casos de homofobia nas instituições de ensino.

Tal abordagem aponta para o caráter aberto do diálogo e para um (re)conhecimento que é regulado pela intersubjetividade da prática e por interesses humanos. O diálogo é um processo avesso à alienação provocada por leituras fundamentalistas, restabelecendo conexões com o outro, com a sociedade que nos faz interpelações. Trata-se de uma retomada do encontro com a alteridade pelo caminho hermenêutico, para criar possibilidades ético-discursivas descentralizadas, por meio da tomada de posição (auto)crítica e de revisão constante de discursos. Assim, visamos repensar os sentidos contidos em textos bíblicos específicos, reatualizando as leituras aos desafios que o nosso tempo apresenta, para sair do imobilismo preconceituoso,

reconhecendo os limites das práticas pedagógicas quando são esquecidas as dimensões da globalidade humana e do diálogo crítico com a realidade em suas diferenças. Esta aporia nos impulsiona para além das formas institucionalizadas de agir e do sofrimento social, sendo enfrentada a questão da homofobia em sua raiz. Talvez um modo de manter vivo o diálogo seja perguntar por que a educação permanece atrelada aos reducionismos e à resistência em abordar a diversidade e a complexidade humana deixando que o outro seja outro? A reflexão pode constituir-se na experiência de abertura ao outro e à própria realidade enquanto diálogo pungente, para aprender evolutivamente com o diverso que nos emancipa.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, PR, no. 39, p. 39-50, 2011.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. 5 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

_____. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2004.

HELMINIÁK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1998.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: _____ (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

TORRES, Milton. A Evidência Linguística e Extralinguística para a Tradução de Arsenokoitai. *Revista Hermenêutica*, Cachoeira, BA, vol. 12, no. 2, p. 25-49, 2012.